

ANO 2/Nº 5/SETEMBRO E OUTUBRO DE 2010

pense!

REVISTA DO PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA

O Direito a ter direitos

O Estatuto da Criança e do Adolescente faz 20 anos de conquistas e desafios

PEDAGOGIA

Aprenda a fazer fanzines na escola 10

CIÊNCIA

Do chão ao teto: cinzas viram matéria-prima para a construção de casas 28

CULTURA

Ariano Suassuna: um homem vestido de letras e esperança 8

EDITORIAL

O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei 8.069, de 13 de julho de 1990) considera todas as crianças e todos os adolescentes brasileiros, independente de sua posição econômica e social, sujeitos de direitos e beneficiários de políticas públicas de proteção integral, cabendo ao Estado, à sociedade e à família o dever de garantir esses direitos.

Ao completar 20 anos de existência em 2010, estatísticas mostram o progresso na qualidade de vida de quase 60 milhões de brasileiros com menos de 18 anos. Em seus 267 artigos, o ECA impôs uma série de obrigações e deveres que resultaram em uma grande rede de proteção social para crianças e adolescentes.

Os números falam por si: em 20 anos, a mortalidade infantil caiu mais de 60%; o analfabetismo entre as crianças de 10 a 14 anos, que era de 14%, em 1990, foi reduzido a 2,8% (dados do IBGE de 2008); e o trabalho infantil teve queda de 50%. No entanto, ainda seguem altos os índices de gravidez na adolescência. Mas não só: a violência contra crianças e adolescentes, sobretudo a praticada dentro de casa, continua sendo um problema de difícil solução.

O problema é maior: muitas pessoas acreditam que o ECA é responsável pelo alto índice de envolvimento de jovens em atos infracionais, desconsiderando que a proteção integral e a qualidade de vida que deveriam ser asseguradas pelo Estado, certamente, desviariam as crianças e os adolescentes desse universo.

Não à toa, a lei é alvo de constantes debates no Legislativo: atualmente, tramitam 157 propostas de mudança do ECA. Destas, 34 projetos de lei que a alteram já foram aprovados em pelo menos uma comissão da Câmara. Muito ainda há que ser feito, mas não para mudar a lei e, sim, implementá-la. Não à toa, também, o tema é a matéria principal dessa edição de Pense!

EXPEDIENTE

GOVERNADOR
Cid Ferreira Gomes

VICE-GOVERNADOR
Francisco José Pinheiro

SECRETÁRIA DA EDUCAÇÃO
Maria Izolda Cela de Arruda Coelho

SECRETÁRIO ADJUNTO
Maurício Holanda Maia

CONSELHO EDITORIAL
Márcia Oliveira Cavalcante Campos, Lucidalva Pereira Bacelar, Fabiana Skeff, Cristiane Holanda; Ana Márcia Diógenes, Maurício Holanda Maia, Maria Amélia Prudente Pinheiro.

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Maria Amélia Bernardes Mamede

EDIÇÃO
Isabelle Câmara

SUPERVISÃO PEDAGÓGICA
Ana Néio

TEXTOS
Ana Néio, Anna Cavalcanti, Daniel Fonsêca, Isabelle Câmara e Giuliano Vila Nova

REVISÃO
Marta Maria Braide Lima

CAPA E ILUSTRAÇÕES
Carlus Campos

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Carol Gouveia e Pedro Marques

FALE CONOSCO
revistapensece@gmail.com

Os textos publicados na revista são de inteira responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, o posicionamento da Secretaria da Educação do Estado do Ceará. ISSN : 2176-6711 | Tiragem: 25.000 exemplares

Sumário



Pedagogia

BONITO DE SE VER
Circo-escola Bom Jardim
Picadeiro de cidadania

06



Pedagogia

MISSÃO POSSÍVEL
Memória Digital
Tecnologia a serviço da identidade

14



Ciência

MEIO AMBIENTE
Planeta Água
Em pouco tempo, a água será um bem escasso

30



Cultura

DE ONDE VEM...
O hábito de dormir em rede?
Artefato tem lugar de honra no Ceará

43



Cultura



VIVER PARA CONTAR
Thiago de Melo
Um escritor do mundo

22



Ciência

PAPO SAÚDE
Mexa-se
Pequenos movimentos no dia a dia ajudam a melhorar a saúde

38



Matéria Principal



ECA
Ao completar 20 anos, o Estatuto da Criança e do Adolescente ainda tem muitos desafios pela frente

24

E ainda

- | | |
|-------------------------|-------------------------|
| 04 Prova dos Nove | 28 Panorama |
| 05 PAIC em dia | 32 Mãos à Arte |
| 08 No Ceará é assim | 34 Sala dos Professores |
| 09 Você Sabia? | 36 Asas da Palavra |
| 10 Entrevista | 40 Educação no Tempo |
| 13 Filosofando com arte | 42 Questão de Gênero |
| 16 Plano de Aula | 44 Nossa Terra |
| 18 Cadeiras na Calçada | 46 Agenda |
| 20 Não é bem assim | 47 Diversão |
| 21 Mundo Virtual | 48 Tirinha |

Qual a sua dúvida?

“Gostaria de saber sobre a possibilidade das formações do PAIC serem mensais, já que no meu município acontecem bimestralmente.”

Leonira Bezerra de Souza - Pacatuba

As editoras contratadas para realizarem as capacitações, a ação formativa, foram selecionadas através de Edital público, no qual consta que essa formação será de 80 horas anuais, distribuídas em encontros mensais. Porém, o município, com sua autonomia, pode adequar essa distribuição de tempo conforme a viabilidade de operacionalização para o próprio município, em consonância com seu calendário de atividades pedagógicas.

“Percebe-se que, através do PAIC, os alunos de 1º e 2º anos do Ensino Fundamental conseguem se apropriar da leitura e escrita bem mais rápido. Então, por que não existe um investimento para toda a Educação Infantil, na qual se dá o primeiro contato da criança com a leitura?”

Zilda Vieira - Pacatuba

Professora Zilda, a sua preocupação com as aprendizagens das crianças da Educação Infantil também é nossa. Desde que iniciamos no PAIC/ Eixo de Educação Infantil, que estamos fazendo uma formação continuada com os professores, visando alcançar um trabalho mais estruturado. Dessa forma, já construímos com os professores os tempos que não podem faltar numa rotina pedagógica do educador infantil, sempre com base nas novas diretrizes curriculares para esse nível de ensino. Essa ação também está ligada com a prática pedagógica desenvol-

vida nas instituições de Educação Infantil, tendo como metodologia a tematização da prática. Hoje, nós estamos fazendo um acompanhamento nas salas de aula e já estamos observando um ambiente educativo com registros das conquistas de nossas crianças; já estamos até recebendo observações e sugestões para melhorar o nosso trabalho, assim como a sua. Tempos atrás, nada se observava em relação à educação infantil. Em 2010, recebemos uma coleção de livros de literatura apenas para a escola de Educação Infantil. Em 2011, teremos livros para cada sala de aula. Agradecemos suas sugestões e, em breve, cada professor vai receber um documento com orientações curriculares que estamos construindo, baseadas na resolução CNE Nº 5, de 17 de dezembro de 2009. **PI**

ENVIE SUA PERGUNTA

revistapensece@gmail.com

*Resposta por Yedda Freire - Supervisora do Eixo de Educação Infantil/PAIC

Progresso garantido

Avaliação externa monitora o desempenho pedagógico do PAIC

No começo de setembro, foram apresentados os resultados da primeira avaliação externa do Programa Alfabetização na Idade Certa (PAIC) voltada aos estudantes que estão no 1º ano do Ensino Fundamental. A avaliação externa, coordenada pelos professores André Jalles e Isabel Filgueiras, da Universidade Federal do Ceará (UFC), aplicou uma atividade para identificar, estatística e pedagogicamente, a aprendizagem das crianças. Representantes dos 154 municípios que aderiram à avaliação estiveram em Fortaleza para compartilhar os dados e as conclusões produzidos pelos pesquisadores.

Segundo a professora do Departamento de Economia Doméstica da UFC Cílvia Queiroz, que dá assessoria ao Eixo de Gestão Pedagógica do PAIC, os resultados ajudam as equipes do Programa nos municípios. “Elas podem verificar a aprendizagem, organizar melhor o planejamento e fazer os investimentos de logística necessários para o professor trabalhar melhor”. A avaliação foi realizada somente no final do primeiro semestre porque, segundo ela, muitas delas não têm experiência de sala de aula, já que o ensino é obrigatório apenas a partir do 1º ano. No final do ano letivo, vai haver

um novo diagnóstico para verificar o progresso qualitativo dos estudantes.

A professora Júlia Lúcia de Araújo, gerente regional da 4ª Crede, destaca que o objetivo do estudo não é produzir um ranking de desempenho. “A gente sempre orienta que as avaliações tenham um caráter de diagnóstico para que, através dos resultados, eles possam fazer as intervenções na hora certa para reverter os problemas”, explica. Júlia diz que, em trabalho conjunto com gerentes municipais e diretores na escola, os resultados chegam a todos os professores.

A coordenadora pedagógica Rita Moraes de Vasconcelos, gerente municipal do PAIC na cidade de Cruz, confirma a importância da apresentação da avaliação externa aos educadores. “A gente discute os resultados, [verificando] por que o estudante está naquele nível baseado nos descritores e nos itens avaliados”, diz. Depois, a avaliação é entregue ao professor, que identifica as questões em que houve dificuldade. Em Cruz, lembra Rita Moraes, também existe o projeto Avaliação pra Valer, que faz um monitoramento mensal dos estudantes que estão sendo alfabetizados, também com foco no 1º ano. **PI**

ALGUNS NÚMEROS

LEITURA
79% foi o percentual médio de acerto
35% foi o percentual aproximado de acerto de todos os itens

ESCRITA
52% dos estudantes acertaram o nome completo; apenas 6% não acertou nenhuma parte ou deixou a resposta em branco, 28% estão no nível “alfabético” de escrita de palavras, seguido do nível “pré-silábico” (24%) e do “ortográfico” (17%)

Fonte: Atividade Avaliativa PAIC-Alfa 1º Ano – 2010: Uma visão estatística e pedagógica da Provinha.



O picadeiro da vida

Entre a magia e a realidade, o Circo-escola Bom Jardim já foi palco para peripécias e aprendizados de mais de 60 mil crianças e adolescentes

“Como é teu nome?”, perguntamos ao menino vestido de palhaço que brincava no Circo-escola Bom Jardim. “Mucilon!”, respondeu o garoto que confunde vida real com fantasia. João Victor Nunes Alves (este é o nome dele), 11 anos, nasceu debaixo de uma lona colorida. Filho de circenses formados pelo Circo-escola Bom Jardim, ele estuda o 6º ano numa escola em frente ao circo, onde aprende a ler, escrever e fazer cálculos. E assim que acabam as aulas, ele corre para o picadeiro: é lá que desenvolve a autoestima e a autoconfiança e ganha uma intensa noção corpórea e da própria sensibilidade - elementos suficientes para arrancar boas risadas do público. “Não consigo imaginar minha vida sem o circo”.

Criado em 1991 pela Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social do Estado (STDS - CE), o Circo-escola Bom Jardim já foi palco para peripécias de mais de 60 mil crianças e adolescentes ao longo desse tempo.

Hoje, está dentro do Projeto ABC, iniciativa da STDS que gerencia o espaço em parceria com o Conselho Comunitário dos Moradores do Parque Santa Cecília. Nesse complexo de aprendizagem, os educandos dividem seu tempo entre palestras sobre temas da atualidade, aulas de disciplinas formais, esportes e circo.

O circo-escola contabiliza 300 meninos e meninas matriculados e aprendendo atividades

FOTOS: CHRISTIANO WILKE / ASCOM STDS



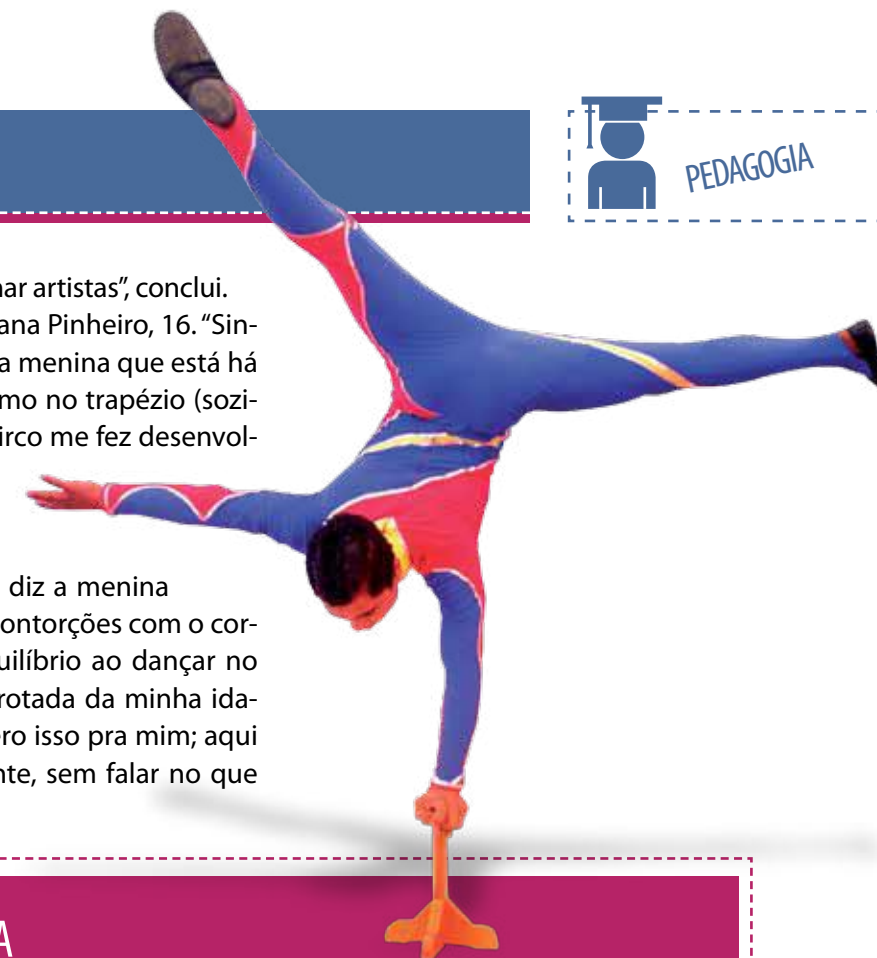
como malabares, contorcionismo, lira (argola suspensa), trapézio, tecido, cilindro, swing (malabares com fitas e bastões) e palhaço. “O circo serve como uma linguagem mágica para trabalharmos a autoestima e a segurança e construir valores mais sólidos, como ética, respeito, criatividade, responsabilidade e amor”, esclarece Erisvânia Castro, coordenadora do espaço.

Curiosamente, 50% dos educadores já foram aprendizes do circo, inclusive a própria Erisvânia. “Nosso desafio é fazê-los levar esses princípios para o dia-a-dia, fazendo-os alcançar objetivos

pessoais e sociais. Não queremos formar artistas”, conclui.

Não é o que pensa Maria Damiana Pinheiro, 16. “Sinto-me uma estrela no picadeiro!”, diz a menina que está há seis anos no circo, fazendo equilíbrio no trapézio (sozinha e em dupla) e entre tecidos. “O circo me fez desenvolver a autoconfiança, a força de vontade e a responsabilidade com o outro”.

Bruna Maria dos Santos, 11, faz coro: “Minha vida agora está ótima!”, diz a menina que parece ser de borracha ao fazer contorções com o corpo e demonstra extrema força e equilíbrio ao dançar no ar segurando em liras. “Tem uma garotada da minha idade que passa o dia em casa. Não quero isso pra mim; aqui eu fiquei mais consciente e inteligente, sem falar no que aprendi a fazer com o meu corpo”. **PI**



UMA VIAGEM FANTÁSTICA

A história do circo vem de longe e longe vai. Na França, um homem chamado Childbert foi o primeiro a aproveitar a arena de Arles para espetáculos circenses nos moldes dos primitivos circos romanos. No século XVIII, grupos de saltimbancos percorreram a Europa inteira. Já nessa época eram frequentes as exibições a cavalo, combates simulados e provas de equitação.

Mas os chineses contam outra versão. Segundo eles, foi na China que tudo começou. E com a arte acrobática, tão antiga quanto a sua música, sua dança e seu teatro. Ano após ano, os espetáculos foram enriquecidos com novos números: equilíbrio sobre corda bamba e sobre as mãos, dança da espada, magia, engolir fogo etc.

O circo como espetáculo pago é muito recente. Foi criado pelo suboficial inglês e perito cavaleiro Philip Astley (1742-1814), nos anos de 1770. Ele que deu a estrutura que o circo tem até hoje e divulgou-a por quase toda a Europa.

No Brasil, o circo chegou no século XIX, através dos estrangeiros. Mas no século XVIII existiam grupos mambembes indo de cidade em cidade, em lombos de burros, e fazendo de tudo um pouco. Alice Viveiros de Castro lembra que, antes mesmo de Astley, os ciganos expulsos da Europa andavam por aqui fazendo arte circense. E é justamente essa origem e essa trajetória incertas do circo que seduzem tanto quanto a magia dos seus espetáculos. Para onde a lona for, vai um sonho.

O CIRCO NO BRASIL – ANTONIO TORRES. RIO DE JANEIRO: FUNARTE; SÃO PAULO: ATRAÇÃO.

Dia bonito pra chover!

Cearense nunca entendeu muito bem o fato dos outros brasileiros tratarem o dia ensolarado como “tempo bom”. Para muitos, o dia ensolarado é mais vantajoso, para o nordestino, de modo geral, que costuma ter sol o ano inteiro, tempo bom mesmo é a estação das chuvas. Ruim é a seca e todas as suas consequências para a região.

Na Terra da Luz, o sol diário é inclemente, mas inspira poetas e queima sem piedade as sensações de um povo. Iracema, personagem de José de Alencar, descansa na floresta em busca de refúgio de um sol a pino. Adriano Espínola, em seu livro *Beira-Sol*, enxerga a beira-mar pela luminosidade do astro rei. Rachel de Queiroz descreve o sofrimento do retirante em meio à famigerada seca de 1915. Contudo, a maior poeticidade elaborada pelo cearense nasceu da boca do povo, do dia-a-dia, da observação atenta ao céu e às suas transformações. Nas terras alencarinhas, quando o céu fica carregado de nuvens pesadas, escuras, o tempo está “bonito para chover”.

E o olhar atento ao céu também gera momentos de descontração, como o ocorrido em 30 de janeiro de 1942, quando o sol foi vaiado em plena Praça do Ferreira. No período, o Ceará enfrentava uma seca severa e, para felicidade de muitos, naquele momento, a chuva já durava três dias. O sol, timidamente, quis aparecer em meio às carregadas nuvens. A população não quis acreditar na possibilidade de surgimento do sol e largou uma vaia estrondosa aos céus. Ainda assim, o sol venceu as pesadas nuvens e mostrou seu poder.

A poética expressão vem do desejo pela chuva. Uma chuva rara que é reclamada pelo sertanejo



FOTO SITE MORGUEFILE

a todos os santos em diversas ladainhas. O maior deles é São José: quando não chove em 19 de março, o cearense fica sem esperanças de águas. Os profetas da chuva são pessoas que desenvolvem esse olhar atento ao céu e a outros sinais da natureza, escritos no tempo. E a sensibilidade nordestina consegue interpretá-los com a preocupação de quem precisa sobreviver.

Assim, em terras de cá, não há “tempo ruim”, há o “tempo bom” ensolarado em que o astro maior brilha e apresenta os encantamentos da Cidade da Luz. E há o tempo melhor, o dia “bonito para chover”, momento em que os olhos se enchem de alegria, a esperança se renova, os meninos molham-se nas ruas e o sertão vira mar de satisfação e encantamento. **PI**

É o fim do mundo?

Com tantas catástrofes naturais acontecendo, há quem pense que o fim do mundo está próximo. O que nem todo mundo sabe é que previsões do apocalipse são feitas há muito tempo, desde que o mundo é mundo.

Um dos primeiros acontecimentos a gerar pânico generalizado foi uma das passagens do cometa Halley, a de 1910. Isso ocorreu porque, em 1881, um astrônomo descobriu que as caudas dos cometas eram compostas pelo gás mortal cianeto. Os mais supersticiosos acreditaram que o cometa deixaria um rastro do gás venenoso ao redor da Terra. A especulação foi tão grande que chegou às páginas do jornal americano *The New York Times*, espalhando medo nos Estados Unidos e em boa parte do mundo.

E o filme *2012*, baseado na profecia do povo Maia, que faz menção ao



apocalipse, anda assustando muitas pessoas. Para os maias, dezembro de 2012 marca o fim de um ciclo. Muitos acreditam que esse final se traduzirá em muitos desastres naturais que acabariam culminando com o final do mundo. A ciência ainda não encontra nessas especulações uma fonte segura para previsões. Mas o alerta que fica, desde já, é da necessidade de cuidar do planeta sem expectativa de fim. **PI**



FOTO ERIC GABA

Do caju à cajuína

Já nos famosos versos de Caetano Veloso ouvimos falar sobre essa bebida tão famosa no nordeste: “a cajuína cristalina em Teresina”. Popularmente conhecida nas mesas cearenses, a cajuína foi criada pelo farmacêutico e escritor Rodolfo Teófilo.

E a bebida genuinamente cearense se espalhou pelo Brasil e conquistou o paladar de muitos nordestinos, sobretudo dos piauienses, que se encarregaram de solicitar o registro da cajuína como patrimônio cultural do lugar: a bebida foi reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e pela Fundação Cultural do Piauí (Fundac). O objetivo é valorizar a bebida como um produto típico do Estado e, assim, trazer identificação geográfica a ela.

A cajucultura é uma realidade na economia piauiense, que permanece ressaltando as inúmeras qualidades do caju. Da fruta, nada se perde: pode se produzir suco, castanha, sorvete, licor, carne, doce e, claro, a saborosa cajuína. Com tanto reconhecimento, espera-se que a bebida consiga circular pelo país e presentear cada vez mais brasileiros com seu sabor nordestino.

Izolda Cela:

“Ainda há muito que se fazer no sentido de seguir avançando (sobre o IDEB)”

O Ceará obteve grande avanço no resultado do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 2009: ficou em 12º lugar no Ensino Médio em todo o país, sendo o primeiro no nordeste. No quadro geral, os números do IDEB 2009, divulgados no mês de julho, mostram que o Ensino Médio é o que menos avança, embora também cumpra a meta do MEC. Em 2009, atingiu 3,6, e a meta era de 3,5. Em 2007, o índice foi de 3,5, superando a meta de 3,4. A seguir, você confere uma entrevista com a secretária da Educação do Estado, professora Izolda Cela, que avalia os resultados do IDEB e aponta os desafios que o Ceará ainda apresenta na Educação Básica. “A rede estadual do Ceará está seriamente empenhada”, garante.

Pense! - Professora, a que se deve o desempenho positivo e o que isso implica na educação básica no Estado?

O desempenho positivo, especialmente tratando-se de medidas como aprendizagem de aluno e regularidade do fluxo escolar, deve-se ao esforço de qualificar os processos de gestão educacional. Esta melhoria pode ser identificada tanto no âmbito de redes (secretarias) quanto no

FOTO DIVULGAÇÃO



âmbito da escola (gestão dos processos escolares com repercussões positivas na sala de aula). É importante registrar que, apesar de nosso país e, com mais gravidade, a região Nordeste encontrarem-se em patamares muito rebaixados nas medidas de qualidade educacional, há um movimento promissor que vem se consolidando neste período mais recente, com foco efetivo nos resultados escolares. A rede estadual do Ceará está seriamente empenhada neste movimento de transformação progressiva da escola pública.

Pense! - O modelo adotado pelo IDEB gera a impressão de que é possível formar um ranking da Educação Básica, mas o próprio MEC defende que não é possível comparar o nível de ensino entre um Estado e outro. De que forma o índice tem sido útil à política de educação?

Eu entendo que os índices são fundamentais e avalio que o IDEB promoveu um novo olhar sobre a educação brasileira, tanto da perspectiva dos gestores e da rede de profissionais envolvidos, quanto da perspectiva da sociedade. Uma questão absolutamente imprescindível para a melhoria da qualidade na prestação de um serviço público começa a se consolidar no Brasil: a responsabilização e prestação de contas dos resultados. Parece incrível, mas isso é uma grande novidade na gestão pública da educação. Os “rankings” são inevitáveis. Nós devemos nos convencer de que uma das formas de dimensionar os nossos resultados é através do elemento de comparabilidade. Obviamente, o conhecimento sobre fatores e contextos que interferem nos resultados de um sistema educacional garante a regulação nessas comparações. Há aspectos importantes a considerar quando se compara o Ceará com os seus pares do Nordeste ou com estados do Sudeste, por exemplo. Claro que as dis-

torções na interpretação dos índices e “rankings” existem tanto pelo desconhecimento da realidade da parte de alguns, quanto por motivações não tão éticas da parte de outros. É um preço a pagar. Vale a pena pagá-lo pelos resultados positivos que temos visto.

Pense! - Que papel podem cumprir programas como o PAIC para que o Ceará possa avançar nos resultados do IDEB e de outros processos de avaliação?

Considero que as dificuldades não devem servir para justificar os baixos resultados, de modo a nos livrarmos do risco de ficar imobilizados nas queixas. Eu tenho reiterado em diversas oportunidades, especialmente tratando com as (os) secretárias (os) municipais, que o Programa Alfabetização na Idade Certa (PAIC) deve ter o foco na gestão. Evidentemente, a medida de avaliação é o índice de alfabetização das crianças porque o sucesso desta etapa inicial da escolaridade ainda representa um grande desafio para as redes públicas. No entanto, nós só seguiremos alcançando nossas metas de aprendizagem se as medidas de melhoria da gestão forem se consolidando no âmbito de cada rede e de cada escola. Não é por acaso que se observa nos municípios que têm feito este investimento a repercussão positiva na escola como um todo, inclusive sinalizando a melhoria de alguns índices que medem a eficiência da gestão.

Pense! - Especialistas em educação apontam que, embora o IDEB seja importante, é necessário estabelecer referências de qualidade na educação que levem em conta outros aspectos, além do desempenho dos estudantes - como financiamento, infraestrutura e condições de trabalho do professor. Nesse sentido,



é necessário requalificar a metodologia do IDEB?

Meu entendimento é de que os aspectos considerados para a construção do IDEB são os mais relevantes para expressar o grau de responsabilidade da escola e dos sistemas educacionais com relação ao que é sua função básica: a garantia do nível de aprendizagem adequado e que este resultado seja de todos. Aspectos como financiamento, estruturas e condições de trabalho são importantes e demandam decisão política e investimentos, mas não devem ter peso na composição de um índice como o IDEB. Importante registrar que os processos de avaliação devem ser aperfeiçoados permanentemente e resultarão em índices cada vez mais regulados.

Pense! - Uma das principais necessidades defendidas para melhorar o desempenho da Educação Básica é o investimento na formação continuada, nas condições de trabalho e na remuneração dos professores. De que forma essas ações têm sido garantidas no Ceará?

Com certeza os bons investimentos direcionados ao (à) professor (a) e à sua carreira, às condições de trabalho e de formação são muito importantes. No âmbito da rede estadual, o Governo do Estado vem cumprindo compromissos assumidos com a categoria através de diversas ações, dentre elas: a garantia do aumento diferenciado para a categoria do magistério desde 2007, iniciando, assim, um processo progressivo

O IDEB promoveu um novo olhar sobre a educação brasileira, tanto da perspectiva dos gestores e da rede de profissionais envolvidos, quanto da perspectiva da sociedade

de recuperação de perdas sofridas ao longo dos últimos anos; a implementação da ação Professor Aprendiz, que garante a valorização do saber dos professores da rede através do reconhecimento de sua produção acadêmica e da possibilidade de serem formadores de seus pares; processos de formação em serviço mais centrados nas escolas a partir de suas regiões; o direito dos professores terem sua liberação para cursar programas de mestrado e doutorado; a significativa melhoria do parque escolar, dos equipamentos, insumos e acervos; mudanças nas diretrizes de lotação para garantir um suporte pedagógico mais vigoroso para a escola e apoio aos professores; programas que visam qualificar o acompanhamento pedagógico da escola como “Primeiro, Aprender!” e “Diretor de Turma”. São ações que beneficiam o professor em diversos aspectos relacionados ao seu desenvolvimento profissional. Mas ainda há muito que se fazer no sentido de seguir avançando. Todas as ações devem ser conectadas com processos de gestão que tenham a qualidade da educação como objetivo final. **PI**

Com a filosofia na estrada

Quem nunca pegou a estrada e se deixou tocar pelas frases escritas nos para-choques dos caminhões? Repletas de humor, criatividade, malícia, sabedoria e nostalgia, as frases cruzam as esburacadas rodovias brasileiras, como que rindo da própria desventura de quem pega estrada. Falam de amor, partida, família, saudade e da própria estrada; emoções, sentimentos e universos próprios de quem transita Brasil afora.

De tão poéticas, as frases inspiram artistas famosos. O músico Toquinho, por exemplo, leu uma frase em um para-choque de caminhão que lhe serviu de inspiração para um grande sucesso. À época, seu relacionamento com Mônica, mãe de seus dois filhos, estava começando. A frase dizia: “Se o amor é fantasia, eu me encontro ultimamente em pleno carnaval”. A frase rendeu “Escravo da Alegria”, samba escrito em parceria com Mutinho que se tornou sucesso no início dos anos de 1980.

Erasmio Carlos foi outro. Compositor de “Filosofia de Estrada”, ele diz: “Pelas curvas do caminho / Vou com a dama na cabeça / sei que eu não vou sozinho / minha ausência ela desforra ouvindo rocks / Mas na falta do seu corpo, só me resta ler os para-choques”.

As frases de caminhão revelam uma filosofia presente na cultura popular. Apontam para as implicações filosóficas do ato de caminhar, seja a pé, de carro, moto ou bicicleta, tra-

FOTO: GLAUCO UMBELINO



zendo reflexões em torno do próprio percurso, do vazio, do abandono e do isolamento dos locais por onde se passa, do contato íntimo com a aridez e a solidão da estrada e da indecisão entre o desejo de voltar ao ponto de partida e o de ficar no meio do nada. **PI**

Frases que já rodaram o Brasil:

A palavra convence. O exemplo arrasta.
O amor existe. Não existe tempo para amar.
O mundo é redondo pros quadrados sofrerem.
A saudade é a memória do coração.
O mundo inteiro não vale o meu lar.
Quem esquentar a cabeça é palito de fósforo.
Deus cura e o médico manda a conta.
Quem com cães se deita, com pulgas se levanta.
A luz dos teus olhos ilumina o meu caminho.



Memória digital

Estudantes colocam a tecnologia a serviço da memória e da identidade

Conhecer a cidade em que vivemos, remontando tempos passados da nossa história, é fundamental para o fortalecimento da memória de um povo. Mas com os novos tempos, não dá para ficar só no que passou, esquecendo o benefício que as novas mídias e tecnologias nos proporcionam, com criações que facilitam a nossa vida e o nosso cotidiano.

Reconhecendo a importância de esti-

mular seus alunos a investigar o passado e a aprender a utilizar novas mídias, o professor Sandro Olímpio Silva Vasconcelos, do Colégio Liceu do Ceará, criou, há nove meses, o grupo Em Cena, que busca desenvolver a capacidade investigativa nos jovens, através de pesquisas, entrevistas, discussões e vídeos.

Baseando-se na proposta do Museu da Pessoa (veja box), Sandro, saiu a campo com seus

alunos, com o objetivo de conhecer histórias, pessoas e colher relatos em meio à sociedade sobre temas variados. “Eu sempre tive vontade de fazer algo que tivesse continuidade na escola e que os alunos pudessem ser protagonistas. Acho que eles têm que ter iniciativa para utilizar certos equipamentos e tecnologias em benefício próprio e da comunidade”, diz o professor.

O primeiro trabalho realizado foi na IX Bienal do Livro do Estado do Ceará (realizada em abril de 2010), onde os alunos puderam entrevistar os visitantes sobre o prazer da leitura. Para a estudante Letícia Moraes, do 2º ano, o trabalho foi muito gratificante. “Além do fato de estar num local que envolve bastante cultura, foi uma grande experiência”, lembra.

De acordo com sua colega, Ystellyanne Santos, o mais difícil foi enfrentar a timidez: “A gente tinha muita vergonha de chegar numa pessoa e pedir licença pra fazer uma pergunta”.

A segunda experiência ainda está em processo: os alunos estão elaborando um memorial do bairro Jacarecanga, em Fortaleza. A iniciativa veio do professor: “Depois que eles fizeram o pri-

Com a proposta de conhecer o passado do bairro Jacarecanga, os alunos saem a campo em busca de registrar narrativas, depoimentos dos mais velhos e fotos sobre a história do local e adjacências

meiro trabalho, percebi que eles têm potencial pra fazer muito mais”, disse Sandro. Com a proposta de conhecer o passado do bairro, os alunos saem a campo em busca de registrar narrativas, depoimentos dos mais velhos e fotos sobre a história do Jacarecanga e adjacências.

A proposta final é fazer, em dezembro, uma exposição de vídeos, com a história da vida das pessoas, uma exposição de fotografias e outra de relatos escritos. A iniciativa faz pensar sobre o quanto conhecemos do lugar em que vivemos e o quanto nos dedicamos a conhecer. Ystellyanne recomenda: “É importante as pessoas conhecerem. Tem gente que não conhece, não sabe a história, e é para elas participarem também”. **PI**

FOTOS DAVI ARAGÃO



Professor Sandro e seus alunos estão registrando a memória do Jacarecanga

MUSEU DA PESSOA

Fundado em 1991, na cidade de São Paulo, o Museu da Pessoa tem como missão principal reunir histórias de vida de pessoas comuns, assim como nós. A proposta é valorizar o papel que cada pessoa tem na construção da história da nossa sociedade, proporcionando aos interessados um vasto acervo de memória imaterial. Até hoje já foram colhidos mais de 12.000 depoimentos que estão reunidos virtualmente. As histórias de vida contadas têm o poder de conectar gerações e, graças às novas tecnologias, elas podem ser preservadas por muito mais tempo. Atualmente, o Museu segue seu objetivo de criar uma rede internacional de histórias, com quatro núcleos espalhados pelo mundo – Canadá, Portugal, Estados Unidos e, claro, Brasil. Acesse o Museu e conte sua história também: <http://www.museudapessoa.net/>

Fã... o quê?

Com muita criatividade e por um baixo custo, fazer fanzines na escola pode ser muito instigante para toda a comunidade escolar

Revistas velhas, papel em branco, tesoura, cola, algumas ideias na cabeça e muita criatividade. Pronto, está dada a receita básica para a confecção de um fanzine. Fan... o quê? Os fanzines são jornais artesanais, editados e produzidos por indivíduos ou grupos aficionados por determinada arte, assunto ou personalidade.

Cunhado em 1941, por Russ Chauvenet, o termo resulta da contração das palavras inglesas fanatic magazine, o que pode ser traduzido como “revista do fã”, isto é, um veículo de comunicação feito por e para fãs.

Calma. Quando falamos em “fã”, vem logo à cabeça a imagem de um bando de jovens ensandecidos, não é? Mas nesse caso, o editor do fanzine é alguém que se interessa por um tema o suficiente para acreditar que sua opinião sobre o assunto deve ser divulgada. Os fanzines surgiram em 1930, nos Estados Unidos. A Inglaterra foi o primeiro país a seguir o exem-

plo, divulgando-o para o resto do mundo. No Brasil, os boletins chegaram somente em 1965. Segundo Henrique Magalhães, autor do livro “Almanaque dos Fanzines”, até 1976 os trabalhos buscavam identidade, eram menos teóricos e intelectualizados e tinham um público formado por consumidores de revistas em quadrinhos. Com a disseminação das fotocopiadoras, as publicações se multiplicaram e ocorreu uma transformação no seu modo de produção.

Apesar das dificuldades ao longo da história, cada vez mais estes boletins configuram-se como um fenômeno de comunicação alternativa. Sua força reside na pequena dimensão, no fazer amadorístico e no baixo custo, que sempre permitirão o surgimento de novos fanzines, motivando a pluralidade dos discursos.

Os fanzines e a escola

Fazer um fanzine na escola pode ser muito instigante para



IMAGENS: ISABELLE CÂMARA/ARQUIVO PESSOAL



toda a comunidade escolar. Além dos ingredientes citados no começo do texto, os editores só vão precisar de uma máquina xerográfica e disposição para distribuir entre os amigos e leitores em potencial (saiba como fazer lendo o box).

O faneditor ou o fanzineiro é responsável por todas as etapas de produção, indo da ideia à distribuição. O processo de composição varia de acordo com a criatividade e o bolso de cada um; pode ser feito à mão, com colagens, ou em computadores, que oferecem mais possibilidades de tratamento visual aos boletins. Já a tiragem depende da intenção do editor, que pode optar por distribuir entre os amigos ou torná-lo popular.

Ao solicitar aos estudantes que façam um fanzine, o professor faz muito mais do que desenvolver a capacidade de produção escrita de seus alunos: ele está ajudando-os a explorar e articular diversas áreas do conhecimento. Ao fazer um fanzine, o estudante exercita a capacidade de

coletar informações, pesquisar, pensar um texto associado a uma imagem, compor, ilustrar, diagramar, paginar e montar. Além disso, também vai exercitar o português, através da escrita e da leitura. Mais: ele usa a informática, desenvolve a comunicação interpessoal e as capacidades de expressão, persuasão e de crítica, experimentando relações éticas e interativas com professores e com o público leitor na produção de um veículo sociocomunicativo próprio.

Para o educador, a competência comunicativa serve de base para o desenvolvimento de outras competências, como a participação cidadã, a decodificação crítica e o uso consciente da mídia. Um veículo como esse também desempenha um papel fundamental na vida escolar: rever e estabelecer relações de comunicação na escola entre direção, professores e alunos, bem como da escola com as famílias e a comunidade, criando sempre ambientes abertos e democráticos. **P!**

É FÁCIL FAZER FANZINE

Escolha um assunto ou tema, faça pesquisas textuais e visuais e mãos à obra! **Você vai precisar de:** papel A4, cola, tesoura, revistas e jornais velhos, caneta hidrográfica preta e uma máquina xerox.

1. Decida os assuntos a serem abordados;
2. Escreva sobre eles no computador ou à mão livre (letra legível) – essa escrita pode ser jornalística, em prosa ou poética. Procure fazer textos curtos;
3. Busque imagens que dialoguem ou complementem seus textos. Algumas vezes, elas falam por si só e podem ser coladas ou desenhadas sozinhas numa página;
4. Pegue a(s) folha(s) de papel A4 e dobre,

montando uma espécie de caderninho;

5. Vá montando página a página, escrevendo à mão (títulos), colando textos e imagens, desenhando;
6. Lembre de criar uma ordem lógica: capa, 1ª página, 2ª... e assim por diante (como num jornal);
7. Observe bem cada página. Está tudo do jeito que você imaginou? Se sim, seu fanzine está pronto para ser copiado. Evite grampear a matriz do seu fanzine. Isso atrapalha na hora de xerografar;
8. Faça quantas cópias seu bolso permitir. Acompanhe a reprodução; muitas vezes, acontecem erros;
9. Dobre e monte fanzine por fanzine.
10. Agora é só distribuir!



É o bicho!

Cantada em versos, filmes e prosas, a relação entre homens e animais pode ser bela e surpreendente

Quem assistiu ao filme *Marley e eu*, mesmo que não tenha um animal de estimação, sabe que a lealdade une incondicionalmente esses seres e seus protetores. Marley faz muitas trapalhadas, mas o que fica para seus donos é o carinho incondicional do cão que é tratado como um filho. Assim, a velha história que o cachorro é o melhor amigo do homem é resgatada. Sabe-se, cientificamente, que os cães entendem melhor os comandos de seu dono e são mais prestativos que qualquer outro animal. Os preferidos são os cães e os gatos. Mas há uma diversidade de seres que são domesticados: roedores, papagaios, peixes e macacos. Então que tal soltar os bichos nas calçadas e investigar curiosidades

sobre eles? A literatura registra essa relação de curiosidade e amizade. Na *Odisséia*, de Homero, composta por volta do século VIII a.C, a fidelidade dos cães já era percebida. Quando o herói Ulisses retorna à sua casa na ilha de Ítaca, depois de 20 anos, o cão Argos é o primeiro a reconhecer seu amo e morre tomado de emoção. Shakespeare registra em um dos diálogos de Romeu e Julieta o mistério das diversas vidas dos gatos, no final do século XVI.

Estima-se que a domesticação de animais começou há mais ou menos 12 mil anos e tinha por objetivo suprir as necessidades alimentares dos humanos. Os primeiros bichos que foram domesticados eram predadores, como as raposas e os lobos, pois ajudavam na caça e contribuíam para a proteção de mulheres e crianças. Outro animal a ser domesticado cedo foi o porco, por causa da reprodução em cativeiro, assim garantiam que os grupos se fixassem em um espaço específico.

Ao longo do tempo, essa relação se modificou a ponto de se estabelecerem vínculos afetivos especiais. Muitos animais acompanham seus donos durante muito tempo. Tornam-se amigos fiéis e inseparáveis. Hoje, alguns cientistas acreditam que cães e gatos percebem telepaticamente a aproximação de seus donos. No livro "Cães sabem quando seus donos estão chegando", Rupert Sheldrake procura explicar como um cão pode esperar seu dono antes deste aparecer perto da casa, como um gato fica ao lado do telefone quando seu

dono liga ou até mesmo como outros animais têm um senso de direção surpreendente e conseguem voltar para casa sem serem orientados.

O pesquisador revela que há muito mais sobre a mente dos animais do que podemos imaginar. Para ele, essa

ligação entre os animais e o homem é possível através de uma espécie de campo invisível de conexão entre os seres. Esses são interligados aos homens e podem até prever alguns acontecimentos, muitos salvam seus donos de desastres ou se sacrificam por eles. **PI**

O ANIMAL DE ESTIMAÇÃO DE TODA UMA CIDADE

FOTO IGOR GRAZIANNO

No início do século XX, a cidade de Fortaleza adotou um animal de estimação diferente: um bode que percorria diariamente o trajeto da Praça do Ferreira à Praia de Iracema. Como sua rota mais lembrava um ioiô, não havia nome melhor para o animal.

Ioio chegou a Fortaleza durante a seca de 1915. Era o único bem de um retirante, que ainda assim precisou vendê-lo. O comprador foi Rossbach Brazil Company, uma conhecida empresa inglesa instalada na Praia de Iracema. Em pouco tempo, o bicho circulava pelas ruas.

Na Praça do Ferreira, ioio bebia cachaça com os boêmios e ficou famoso por frequentar os mesmos cafés onde se reuniam vários escritores famosos, tal como o Café Java, ponto de encontro dos "padeiros" da famosa Padaria Espiritual. Muitos intelectuais da época relatam fatos curiosos sobre o carismático animal. Considerado um membro da elite intelectual da cidade, participava das reuniões literárias e dos atos políticos realizados na Praça do Ferreira.

Segundo versa a lenda urbana, o bode gostava de ver o mar todos os dias. Também se conta que ele teria comido a fita inaugural do Cine Moderno. Na realidade, o bode foi um personagem que revela a íntima relação do cearense com a brincadeira e o humor.

Quando morreu, em 1931, ioio foi empalhado e hoje pode ser visitado no Museu do Ceará. Mas sua história não terminou aí, Bode ioio vive em páginas de livros infantis, cordéis e películas de documentários.



O bode ioio pode ser visto no Museu do Ceará

SERVIÇO

Museu do Ceará
Rua São Paulo, 51 -
Centro
CEP: 60030-100
Fortaleza – CE.

Entrada gratuita.
Fone: (085) 3101.2610.
E-mail: musce@secult.
ce.gov.br

Zumbi dos Palmares também tinha escravos



Em 20 de novembro de 1695, pouco mais de um ano depois da invasão e destruição do Quilombo dos Palmares, Zumbi foi morto e decapitado. Deixava a vida para entrar na história como o maior líder negro que lutou até o último suspiro contra a escravidão. O dia de sua morte, 20 de novembro, é lembrado e comemorado em todo o território nacional como o Dia da Consciência Negra.

A história de Zumbi é bem conhecida: nasceu livre no quilombo, foi capturado aos sete anos e entregue a um padre católico. Aos 15, retorna a Palmares e, em 1680 torna-se líder de Palmares, assumindo o comando da resistência contra as tropas do governo. Durante seu reinado, a comunidade cresce e se fortalece, obtendo várias vitórias contra os soldados portugueses, tudo isso graças a sua grande habilidade em montar estratégias de guerra e organizar o quilombo, que chega a ter uma população de 30 mil pessoas.

Mas o que poucas pessoas sabem é que existiam escravos dentro dos próprios quilombos. De acordo com Leandro Narloch, em seu livro *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil*, Zumbi

“mandava capturar escravos de fazendas vizinhas para que eles trabalhassem forçados no Quilombo dos Palmares”. Para o autor, nada mais natural para quem viveu no século 17 ter escravos, sobretudo quem liderava algum povo de influência africana.

Na região do Congo e Angola, de onde veio boa parte dos escravos negros para o Brasil, o que vigorava era o sistema escravocrata, com hierarquia rígida de reis e servos. “Os escravos que se recusavam a fugir das fazendas e ir para os quilombos eram capturados e convertidos em cativos dos quilombos. A luta de Palmares não era contra a iniquidade desumanizadora da escravidão. Era apenas recusa da escravidão própria, mas não da escravidão alheia”, acusa José de Souza Martins, no livro *Divisões Perigosas*.

Mas na memória do povo brasileiro sempre permanecerá a imagem do bravo guerreiro que ousou desafiar o poder dominante no Brasil Colonial para assegurar a liberdade, a religião e prática da cultura africana em nosso país, pois são das utopias que nasce a força para a construção de um mundo melhor. **PI**

Vilãs ou parceiras?

Hoje, rede social é mais sinônimo de Orkut ou Facebook do que de grupos de amizade do colégio ou do futebol

Bate-papo em sala de aula? Dispersão? Os problemas típicos dos relacionamentos e do desempenho na escola ganham um novo aliado: o mundo virtual.

Apesar de o conceito de redes já existir muito antes da Internet, as chamadas “mídias sociais” (redes sociais mediadas) deram uma nova dimensão a esse tipo de relação, que agora acontece de formas acelerada e individual. Atualmente, rede social é mais sinônimo de *Orkut* ou *Facebook* do que de grupos de amizade do colégio ou do futebol, por exemplo.

No Brasil, a força dessas redes só tem paralelo com os Estados Unidos. De acordo com o Ibope *Netratings*, mais de 80% dos internautas brasileiros têm perfis em uma ou mais mídias sociais, com destaque para o *Orkut* (72%), *YouTube* (60%), *Twitter* (27%) e *Facebook* (26%). A utilização tem começado cada vez mais cedo: os usuários com idades entre 6 e 14 anos dedicam cerca de 60% do tempo na Internet à navegação por mídias sociais e sites de entretenimento.

Para o professor Robson Loureiro, do Instituto UFC Virtual, a Internet tem promovido mudanças nas relações de poder da escola. “A expansão de contatos possibilita um maior conhecimento. O professor detinha a verdade e era praticamente incon-

testável. Hoje, ele afirma algo num dia e o estudante, na aula seguinte, vem contestar”, exemplifica.

Segundo Loureiro, o novo contexto interfere em várias etapas do trabalho do professor, como a definição dos conteúdos e do tempo de aula. Ele não considera a mudança negativa, mas avalia que essa transição não deve ser facilmente apreendida pelos educadores. “Os docentes vão ter muita dificuldade de se afastar daquilo que têm como seguro. Somos regentes de pequenos feudos, que são as salas de aula”, alerta.

Como a presença da Internet (e das mídias sociais) é irreversível, o desafio está em pensar formas de tê-la como aliada no processo de ensino-aprendizagem. Não existem fórmulas prontas, mas alguns sites dão dicas sobre como lidar com essas ferramentas. **PI**

CLIQUE LÁ

O **Portal Conexão Professor** (www.conexao professor.rj.gov.br) tem uma seção especial sobre as redes sociais, com matérias e entrevistas.

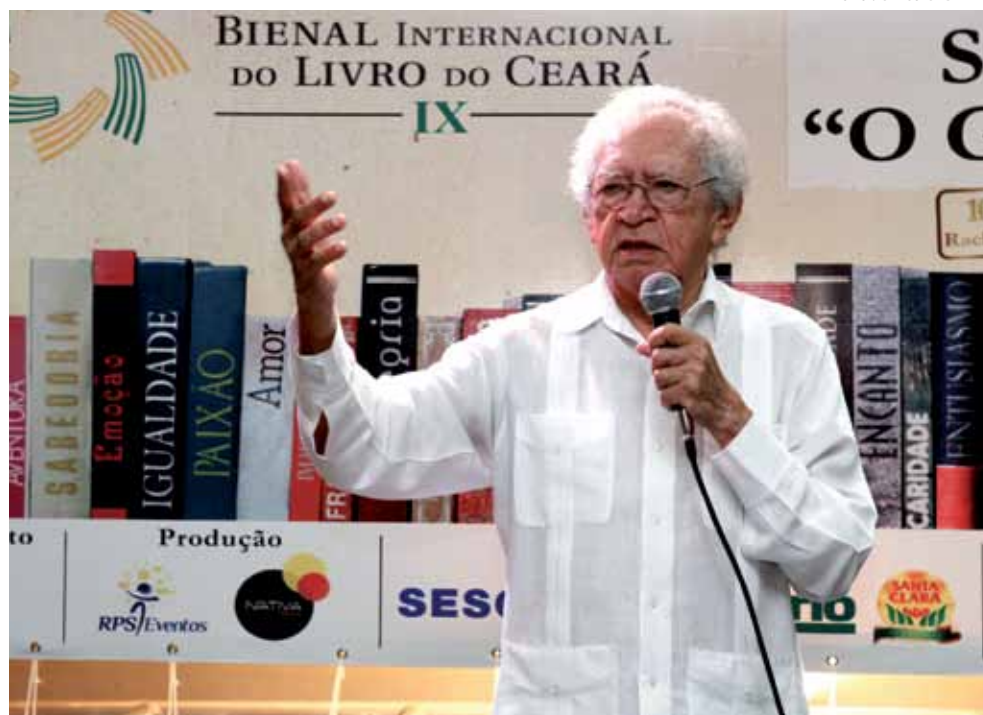
No **EducaRede** (www.educarede.org.br), é possível encontrar, além de textos, vídeos, ferramentas e outros aplicativos, além de propostas de atividades que podem ser realizadas em sala de aula.

O site do **Movimento Internet Segura** (www.internetsegura.org) tem um tópico voltado às amizades virtuais.

Thiago de Melo, um escritor do mundo

Thiago de Melo, um dos escritores mais respeitados do mundo, acredita que a leitura de mundo precede a da palavra

FOTO: CHICO GADELHA



Um poeta que não se mede apenas por versos e estrofes: antes de tudo, tem na vida o mote primeiro para sua escrita. O amazonense Thiago de Melo, um dos poetas mais respeitados do Brasil - com livros traduzidos em mais de 30 idiomas -, vê o ato de ler e escrever como a própria rela-

ção com as pessoas e com a natureza.

“A literatura ajuda a sentir e a entender o mundo, a compreender o que acontece na sociedade humana”, ensina o escritor, que esteve em Fortaleza participando da IX Bienal Internacional do Livro do Ceará. Em resumo, ele leva consigo em toda a

obra o ensinamento de Paulo Freire, com quem trabalhou e ao qual se refere como amigo: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

“Mas esse benefício é realmente importante quando a pessoa, em criança, encontra professores que leiam, em primeiro lugar. Eu só posso te dizer para gostar de futebol se eu [também] gosto”, compara. E completa, apegando-se às apreensões do mundo: “quando você diz ‘o Brasil é um país desigual, um país injusto’, os livros te ajudaram muito a entender porque você foi ver os personagens vivendo desigualdades sociais; você vai aprender o amor, o desamor”.

Thiago de Melo se diz desencantado porque hoje encontra jovens com 25 que já envelheceram porque “só pensam em enriquecer, dentro de um

“Artigo III

Fica decretado que, a partir deste instante, haverá girassóis em todas as janelas, que os girassóis terão direito a abrir-se dentro da sombra; e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança.”

Thiago de Melo

individualismo feroz”. Para ele, há diferenças entre mocidade e juventude. “Tu podes olhar para mim; eu não sou mais moço. Mas a cada dia eu amanheço mais cheio de juventude, porque ainda tenho esperança e acredito que é possível mudar”, afirma. **P!**

UMA VIDA PELO DIREITO À VIDA

Natural da cidade de Barreirinha (AM), Thiago morou na Argentina, Chile, Portugal, França e Alemanha devido ao exílio que foi obrigado a cumprir durante a Ditadura (1964- 1985). Defensor dos direitos humanos, teve em Pablo Neruda um dos principais interlocutores. Em 1977, escreveu seu mais conhecido poema, “Os Estatutos do Homem”, no qual defende, no formato de uma lei, a necessidade das delicadezas cotidianas. Depois do regime militar, Thiago voltou à sua cidade natal, onde vive até hoje. A obra mais recente de Thiago de Melo é “ABC da Floresta Amazônica” (Conhecimento Editora), escrito em parceria com Pollyanna Furtado, sua conterrânea, e lançado na IX Bienal Internacional do Livro do Ceará.

O direito a ter direitos

Ao completar 20 anos de existência, o Estatuto da Criança e do Adolescente ainda enfrenta vários desafios para sua total implementação

Combate ao trabalho infantil; prevenção de abuso, exploração ou violência de qualquer tipo; direito à educação, à saúde e à moradia; liberdade, respeito e dignidade. Se somados, os mais de 260 artigos do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) defendem, resumidamente, que todo brasileiro de 0 a 18 anos incompletos tem direito a ter direitos. A lei, que completou 20 anos em julho e foi sancionada em consonância com a Convenção Internacional sobre os Direitos da Infância da ONU, é um dos frutos mais festejados da mobilização civil havida no Brasil nos anos 1980.

No Brasil, crianças e adolescentes somam quase 60 milhões de uma população de cerca de 190 milhões de pessoas. São pessoas que possuem direitos e deveres e necessitam de condições para se desenvolver. Para acompanhar a aplicação da lei, 91% dos municípios brasileiros têm varas ou defensorias dos direitos das crian-

ças, e 98% contam com conselhos tutelares. No entanto, ao mesmo tempo em que tem umas das redes de proteção mais bem estruturadas, esse público é também um dos mais vulneráveis à violação de direitos. Historicamente, poucas leis têm sido objeto de tantos debates quanto o ECA.

Um dos motivos é exatamente o fato de o Estatuto nunca ter sido integralmente aplicado no país, como apontou o ministro da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, Paulo Vannuchi, em pronunciamento feito no último dia 13 de julho, data da criação da lei. Ele apontou saúde, educação, assistência social e justiça como os quatro temas que devem ser priorizados para um melhor cumprimento do ECA.

Os pontos norteiam exatamente alguns dos direitos que têm sido mais negligenciados no país. De acordo com a jornalista Ana Márcia Diógenes, coordenadora do Unicef para o Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte, a aplicação do esta-

tuto faz parte de um processo.

“Avançou muito, mas não ainda o suficiente. Tem melhorado, mas é preciso um tempo e uma campanha, uma força que induza positivamente, que esclareça as pessoas sobre o que é ser sujeito de direitos”, propõe.

Ela avalia que, embora existam pontos positivos como a universalização do ensino fundamental e a redução do trabalho infantil, o Brasil tem de buscar mais qualidade na educação, no atendimento neonatal e no combate à exploração sexual, por exemplo. O País fez grandes avanços: a taxa de mortalidade infantil caiu de 46,9/1000, em 1990, para 24,9/1000, em 2006. No entanto, mais de 80% dos 11 milhões de crianças menores de três anos não frequentam creches.

Além disso, Ana Márcia Diógenes identifica a existência de “certa implicân-

cia” com alguns artigos do Estatuto que, segundo ela, levaram a uma compreensão, abordada de forma recorrente na imprensa, de que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) prevê mais direitos do que deveres. “Isso criou uma imagem falsa que acabou associando o Estatuto ao tema da redução da maioridade penal. É como se o Estatuto, numa

visão reducionista, fosse a questão da maioridade penal”, critica a coordenadora do Unicef.

Para fortalecer a lei como um instrumento de promoção dos direitos de crianças e adolescentes, ela defende a realização de campanhas de esclarecimento, um maior envolvimento das famílias junto às escolas e um trabalho de divulgação nas comunidades para que a população conheça seus direitos de forma mais ampla. Nesse processo, os professores têm de ser estimulados

“Historicamente, poucas leis têm sido objeto de tantos debates quanto o ECA. Um dos motivos é exatamente o fato de o Estatuto nunca ter sido integralmente aplicado no país”





e preparados para lidar com o tema no cotidiano da escola. “O educador está no dia-a-dia da sala de aula, convivendo com situações às vezes desgastantes de uma criança e ou de um adolescente que tem problemas familiares ou na comunidade”, destaca.

Outra saída, aponta Ana Márcia, é incorporar a comunicação como um aspecto estratégico para a implementação do ECA, trabalhando de forma cooperada. “[Isso] cabe agora a um conjunto - estado, sociedade e família –, e os meios de comunicação têm um papel preponderante para que o Estatuto possa ser realmente conhecido e efetivado”, resume.

Pequenos trabalhadores

Eles estão nos semáforos, nas praias, nos bares, nos grandes eventos da cidade, nos estacionamento e nas residências. Vendem bombons, frutas, flores, queijo assado, roupas de praia; engraxam sapatos; tomam conta e lavam carros. Cuidam de outras crianças, varrem casa, lavam roupas e cozinham. Também trabalham em lavouras e fábricas. Parecem-nos invisíveis, seja nas ruas ou nas residências. “Melhor estar trabalhando do que roubando”, muitos pensam.

Somente no Ceará, 150 mil crianças estão em situação de trabalho, de acordo com o IBGE. Dessas, ape-

nas 29 mil são atendidas pelo Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) que, segundo Antônio de Oliveira Lima, procurador do trabalho e coordenador regional de combate à exploração do trabalho infantil, vive uma crise.

De acordo com ele, o Peti, programa do Governo Federal, repassa R\$ 25 aos municípios por criança atendida. “Se o município estiver atendendo a 20 crianças, isso soma R\$ 500. Como que se pode tornar aquele lugar mais atraente do que o trabalho na rua, se esse valor serve para pagar pessoal, alimentar as crianças, criar infraestrutura e ainda tornar o espaço lúdico?”, questiona. E acrescenta: “As políticas públicas têm sido insuficientes, tanto na qualidade como na quantidade de crianças atendidas”. O Estatuto da Criança e do Adolescente é claro: “É proibido

“Somente no Ceará, 150 mil crianças estão em situação de trabalho, de acordo com o IBGE. Dessas, apenas 29 mil são atendidas pelo Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) que, segundo a Procuradoria do Trabalho, vive uma crise”



qualquer trabalho a menores de 16 anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de 14 anos”. Uma criança que trabalha, não consegue ter sucesso escolar (quando vai à escola), não brinca, não convive com a sua comunidade. “A ausência dessas oportunidades faz com que o País não se desenvolva, pois a criança, quando adulta, tem poucas condições de crescer pessoal e socialmente. É um ciclo vicioso”, avalia o procurador.

Para promover uma possível mudança, Antônio Oliveira Lima criou o Peteca – Programa de Educação Contra a Exploração do Trabalho da Criança e do Adolescente, que realiza campanhas sistemáticas, em parceria com a Fundação Telefônica, a Undime e a UFC, de sensibilização e conscientização sobre essa realidade, seja em escolas, através de seminários, palestras ou publicações de material didático e lúdico. Não à toa, o Peteca já está sendo replicado por nove estados brasileiros. “No atual momento do País, também precisamos sensibilizar e capacitar os gestores públicos para que eles deem prioridade à criança e ao adolescente, tornando o ECA conhecido respeitado”, finaliza. ■

VOCÊ SABIA?

Desde 2007, o conteúdo do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) faz parte do currículo obrigatório das escolas de Ensino Fundamental. A Lei 11.525/07 determina a inclusão nos currículos escolares dos direitos contidos no ECA, estabelecendo que os preceitos contidos no Estatuto devem ser incorporados às disciplinas já existentes, sem a necessidade da criação de uma nova matéria para tratar só desse tema.



SERVIÇO

Criança Desaparecida/ Conselho Tutelar
Denúncias de desaparecimento e abusos - Disque 100.

DCA - Delegacia da Criança e do Adolescente
Fone: (85) 34331413

Defesa da Criança e do Adolescente
Fone: (85) 3252 4202



Das cinzas se faz um lar

Aparentemente sem utilidade mais nobre, as cinzas podem ter outro destino: substituir até 100% do cimento utilizado na construção de casas

Imagine a quantidade de cinzas gerada pela incineração de cana-de-açúcar em plantações e casas de cerâmica em todo o Brasil. Para se ter uma ideia, somente a indústria do álcool e do açúcar produz cerca de 4 milhões de toneladas de cinzas a cada ano no país. Na maioria das vezes, a queima é feita para a produção de energia, gerando em torno de 25kg de cinzas por tonelada de bagaço incinerado.

O processo, que já é poluente, torna-se ainda mais pernicioso com o destino que é dado às cinzas, que normalmente são utilizadas como adubo, cuja eficácia é contestável, já que contêm metais pesados e podem contaminar o solo. Em muitos casos, são simplesmente descartadas, sem qualquer cui-

dado. A maioria das pessoas, no entanto, não sabe que o produto, aparentemente sem utilidade mais nobre, pode ter outro destino, sendo a base para a construção de casas, substituindo até 100% do cimento utilizado no preparo do concreto.

O projeto da Ecofazenda Escola João de Barro, iniciado há seis anos na Bahia pelo técnico em Edificações Canrobert Almeida, é a base de referência para a técnica. Ele garante que o produto tem mais qualidade do que o cimento tradicional. "Antigamente, as construções eram feitas com cinzas. Inclusive as pirâmides do Egito foram construídas com pó de cinzas, areia e água. É dez vezes mais resistente do que o cimento", empolga-se.

Canrobert realiza palestras, cursos e oficinas pelo Brasil inteiro. Nos últimos anos, ele percorreu várias cidades do Ceará divulgando o projeto e tocando canteiros de obras. Em Barbalha, no Sul do Estado, foi finalizada a primeira biocasa construída na Região do Cariri. Ali perto, no Crato, ele projeta construir o primeiro anfiteatro rural do mundo e o primeiro biocirco, em parceria com instituições que estão sendo procuradas, como o Serviço Social do Comércio (SESC), a Universidade Regional do Cariri (URCA) e algumas organizações não-governamentais.

Em paralelo às construções, Canrobert de Almeida também desenvolve projetos com base agroecológica. O objetivo é estimular iniciativas da própria sociedade civil que torne a vida mais saudável, fragilizando a "tríplice aliança capitalista", que, segundo ele, não quer ter seus interesses contrariados – indústria farmacêutica, agronegócio e construção civil. "O sistema capitalista vai deixar vazar uma ideia dessas? Não quer que essas informações cheguem até o usuário, assim como as multinacionais de remédios não querem que seja divulgada a medicina popular", compara.

Ao reaproveitar as cinzas, o processo também ameniza os efeitos da indústria de cimento, que consome grandes quantidades de recursos naturais não renováveis e emite enormes quantidades de gases, compostos orgânicos voláteis e odores.

Dez vezes mais barata

O que mais estimula o técnico Canrobert de Almeida é a possibilidade de comunidades inteiras poderem ter acesso à casa própria. "As pessoas menos assistidas podem ter acesso à cinza de graça. Dando um destino nobre a essa cinza, a gente está fazendo um bem enorme à humanidade", defende.

Numa construção feita pelo modelo "João de Barro", até o revestimento é da própria cinza, descartando o uso de cerâmica. Além disso, a argila, presente na mistura feita a partir das cinzas, tem a propriedade de impermeabilizar a casa e de isolar contaminantes. Segundo Canrobert, uma casa normal, de 42 m² – com dois quartos, sala, banheiro e cozinha –, custa aproximadamente R\$ 38,6 mil. Adotando a técnica proposta, a mesma casa custaria R\$ 3,4 mil – uma economia de mais de 90%.

O que o técnico argumenta não é à toa. Esse mesmo material foi estudado por uma equipe coordenada pelo engenheiro civil Almir Sales, professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Os resultados comprovam que as cinzas provenientes da queima do bagaço da cana podem ter um destino ambientalmente adequado e se transformar num importante insumo na fabricação de argamassa e concreto para uso na construção civil. A pesquisa foi descrita em artigo publicado na edição de fevereiro último da revista *Waste Management*. **PI**

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL



Uma casa normal custa, aproximadamente, R\$ 38,6 mil. Adotando a técnica com cinzas, a mesma casa custaria R\$ 3,4 mil



Terra, planeta água

Nada de conflitos religiosos, territoriais ou financeiros. Analistas preveem que, no futuro, a humanidade vai disputar pela água potável



O Brasil é o primeiro país em disponibilidade hídrica do mundo

Na década de 1970, houve guerras entre países do Oriente Médio por causa da disputa pelo petróleo. Analistas preveem que no futuro, nações podem entrar em conflito em razão de um bem ainda mais precioso: a água potável. Talvez a realidade seja menos trágica, mas nos alerta para como devemos nos preocupar em preservar o líquido vital. E o quadro pode se agravar em regiões semiáridas, como o Ceará, onde a frequência de chuvas tende a diminuir – o mês de fevereiro foi o mais seco em 21 anos, sendo que até maio a quantidade de chuvas no Estado caiu em 43% em relação às médias anuais.

Os números da água potável no planeta não são nada animadores. Da quantidade total de água no planeta, apenas 2,5% é doce. O res-

tante é água salgada, que precisa de complexos e caros processos de dessalinização para poder ser consumida ou utilizada na agricultura. Segundo o Unicef, 1,2 bilhões de pessoas (35% da população mundial) não têm acesso à água tratada. A Organização das Nações Unidas calcula que em 2050, o mundo terá uma população de aproximadamente 8,9 bilhões de pessoas, das quais 4 bilhões viverão em países com escassez crônica de água. Em alguns lugares, como a Índia, a disponibilidade de água está no limite. Na China, a água disponível no país já é considerada insuficiente.

Neste aspecto, o Brasil pode se considerar privilegiado, pois é o primeiro país em disponibilidade hídrica, com 12% da água doce superficial

do mundo – contando, inclusive, com o Aquífero Guarani, o maior do mundo, localizado no subsolo dos Estados de Goiás, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e que contém cerca de 40 mil km³ de água.

Mas o desperdício aqui é assustador: 45% da água ofertada pelos sistemas públicos vão, literalmente, pelo ralo. Além disso, a poluição, o crescimento populacional e a industrialização provocam o uso inadequado do recurso em várias regiões: 90% dos esgotos e 70% dos afluentes industriais são jogados sem tratamento em rios, açudes e águas litorâneas, o que faz prever, se nada for feito, danos terríveis à qualidade da água dos lençóis freáticos.

Por isso, as campanhas de prevenção ao

desperdício de água são cada vez mais importantes. E cada um deve fazer sua parte. O banheiro é onde mais se consome água em uma residência: fechar a torneira enquanto se escova os dentes é uma atitude básica. Evite banhos muito demorados – normalmente, não se gasta mais do que 6 minutos para uma boa higiene. Outras dicas válidas: não deixe torneiras pingando e faça revisões periódicas nos encanamentos para evitar vazamentos. Além disso, deixe a roupa suja acumular por alguns dias e lave tudo de uma vez; reaproveite a água da máquina para limpar o quintal e evite lavar carros, calçadas e pisos com a mangueira: use o balde! Pequenas economias somadas dão grandes resultados. O futuro do planeta agradece. **PI**

FOTO: ISABELLE CÂMARA

VOCÊ SABIA?

Alguns alimentos e hábitos do seu dia-dia gastam muita água...

- 1 kg de arroz** = 2.500 litros de água para ser produzido
- 1 kg de manteiga** = 18.000 litros de água
- 1 kg de frango** = 3.700 litros de água
- 1 descarga tradicional** = 20 litros
- Escovar dentes com torneira aberta** = 80 litros
- 1 dia de torneira vazando** = 46 litros
- Lavar calçada com mangueira** = 280 litros



Criando um ambiente Alfabetizador

FOTO: ANNA CAVALCANTI

As salas de alfabetização devem ser planejadas a fim de criar um ambiente que incentive as várias formas de ler e escrever



Ambientes que estimulem o ler e escrever brincando favorecem o aprendizado

Nas salas de alfabetização, o ambiente é precioso. A classe precisa ser planejada para que o aluno possa avançar em suas descobertas no mundo da escrita. Além de ser um lugar lúdico, que estimule o brincar, também deve promover o convívio sistemático com as diversas formas de ler e escrever; um ambiente rico que estimule o prazer em descobrir e se aventurar no mundo da escrita e da leitura.

Por exemplo, nomes e imagens de animais que estão sendo estudados podem ficar ao alcance de todos em um mural na própria sala. Importante também é que esse material seja criado com a participação direta dos alunos. E se os es-

tudantes tiverem um cantinho para expor pinturas, desenhos e textos que produzem e desejam partilhar com os amigos, melhor ainda.

Um ambiente alfabetizador promove um conjunto de situações de uso da língua no convívio escolar. Se os professores oferecem aos alunos a oportunidade de presenciar diversos atos de leitura e de escrita, eles podem pensar sobre a língua e construir ideias de como ler e escrever. Assim, o trabalho docente é manter um clima de descoberta e pesquisa em relação ao funcionamento e uso da língua.

Com o ambiente preparado, as crianças estarão descobrindo para que serve ler e escrever de

maneira fluida e sem que o professor precise falar da importância dessas atividades. Desse modo, vão iniciar um processo que as transformará em leitores e escritores competentes. Perceberão também que a escrita pode emocionar, surpreender, informar, divertir, instruir e encantar.

Na escola existem várias situações em que se necessita da mediação da escrita, como ler as regras de um jogo, de uma brincadeira ou o dia e horário de uma festa de aniversário em um convite. A participação ativa das crianças em atividades de exploração da escrita e da leitura em sala de aula, também com a ajuda dos colegas e do professor, se configura na instalação de um ambiente alfabetizador. Isso é extremamente importante para as crianças em processo de aquisição da escrita.

O professor torna-se um elo entre o aluno e o mundo da escrita. Quando traz diversos

textos utilizados nas práticas cotidianas para a sala de aula está ampliando o acesso ao mundo letrado. Entretanto, a expressão “ambiente alfabetizador” tem sido confundida com a imagem de uma sala com paredes cobertas por letras sem significação para a criança. É necessário que as atividades de leitura busquem a reprodução de situações reais de uso e tenham importância prática para os alunos.

A seleção de materiais escritos precisa estar guiada pela necessidade de introduzir a criança nos gêneros textuais. Livros de literatura infantil, revistas, panfletos, rótulos, convites, listas, bilhetes, cartas, histórias em quadrinhos, canções, poemas são textos que se pode oferecer inicialmente para o alfabetizando.

Aqui, fornecemos uma sugestão de atividade que pode ser utilizada na preparação de um ambiente alfabetizador, aproveite! **PI**

FAÇA VOCÊ TAMBÉM:

Painel dos nomes:

Que tal iniciar o processo de alfabetização dos alunos a partir dos nomes deles? Para isso confeccione um cartaz com o nome de todas as crianças da sala, relacionando-os a cada letra do alfabeto.

Materiais: folhas de EVA; letras de EVA; tesoura e cola.

Como fazer: Desenhe e recorte várias letras repetidas. Recorte plaquinhas. Cole cada nome nas plaquinhas. Reserve uma folha de EVA ou papel madeira para pregar as plaquinhas com os nomes na sala. Monte o cartaz com a ajuda das crianças. Já leve as plaquinhas dos nomes prontas e vá colando-as com os alunos. Chame a atenção para a letra inicial de cada nome.

Como utilizar em sala de aula: Com o cartaz pronto você poderá propor várias atividades:

1. Leitura diária do painel
2. Brincadeiras diversas com os nomes
3. Montagem dos nomes com letras móveis
4. Estudo do alfabeto: identificação de vogais e consoantes, das letras do próprio nome etc.

100 anos

de Noel Rosa e Adoniran Barbosa



FOTO: DIVULGAÇÃO

Há 100 anos nascia Adoniran Barbosa, o sambista dos excluídos

Quem não gosta de comer um pãozinho bem quente com uma boa média na hora do intervalo? Desejos como esse, comuns a qualquer pessoa, eram citados nas letras das canções do famoso sambista carioca Noel

Rosa. Junto com o também reconhecido Adoniran Barbosa, os dois consagraram o samba com um jeito especial de falar do cotidiano do brasileiro.

Em matéria de música, todos sabem que o Brasil é o país do samba.

FOTO: SITE MORGUEFILE



Monumento a Noel Rosa é atração turística no bairro Vila Isabel (RJ)

“Seu garçon faça o favor de me trazer depressa Uma boa média que não seja requentada Um pão bem quente com manteiga à beça Um guardanapo e um copo d’água bem gelada”

Trecho da música *Conversa de Botequim*, de Noel Rosa

Rio de Janeiro, trouxe a malandragem como lema principal do seu samba, sempre fazendo referências ao submundo carioca em suas mais de 200 composições.

Desde sempre, costumamos associar esse ritmo à alegria e à ginga típicas do nosso povo, características pelas quais somos identificados no resto mundo. Não à toa, o samba foi registrado, em 2007, como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Em 1910, há cem anos, nasceram os mais famosos precursores do samba brasileiro: os poetas, compositores e cantores Adoniran Barbosa e Noel Rosa. O primeiro, nascido em São Paulo, tinha um jeito bem-humorado e criativo de fazer suas canções, sempre se utilizando da linguagem popular paulistana para musicar as cenas do cotidiano. O segundo, nascido no

Noel e Adoniran romperam com a forma tradicional de fazer canções românticas presentes, no Brasil, daquela época. Antes dos compositores, a canção de amor costumava ser muito rebuscada, cheia de metáforas e simbolismos, diferente da apresentada por eles, que se destacava pelas anedotas e críticas, sem o endeusamento das velhas modinhas.

Noel com sua famosa “Com que roupa?” e Adoniram, com “Trem das Onze”, compuseram sinceros hinos de brasilidade que, até hoje, são lembrados e entoados pela nação do samba e da alegria. Afinal, os mestres do samba se foram, mas o samba não pode acabar. 

SAIBAMAI

Veja vídeos de Noel Rosa e Adoniram Barbosa no nosso blog!



Ariano Suassuna

um homem vestido de letras, esperança e imaginação

FOTO WIKICOMMONS



Poucos autores utilizam as palavras com tanta maestria para retratar as belezas da cultura popular brasileira como Ariano Vilar Suassuna. Paraibano de nascimento, radicado em Pernambuco há quase seis décadas, o professor, teatrólogo e romancista de 83 anos continua com a vitalidade e a lucidez típicas do sertanejo brasileiro, personagem maior de seus clássicos, como “Auto da Compadecida” e “A Pedra do Reino”.

Membro da Academia Brasileira de Letras, Ariano Suassuna faz questão de defender com todas as forças a cultura nacional – constantemente ameaçada, segundo ele, pela ideologia norteamericana. E não é de hoje que levanta a bandeira verde e amarela. Desde sua primeira peça teatral, “Uma Mulher Vestida de Sol”, escrita em 1947, quando ainda era estudante de Direito, já retratava os dramas da vida sertaneja, na luta pelo poder, a

religião, a fome, a vida, o amor e o ódio. “A cultura é o cerne da alma e da honra do nosso país e faz parte do nosso sangue, da nossa origem”, disse, em junho, durante visita a Fortaleza.

Ariano Suassuna formou-se em Direito em 1950, mas logo percebeu que aquele não era seu ofício. Assim que terminou a Faculdade, o destino o levou definitivamente para o mundo cultural.

Em razão de uma doença pulmonar, saiu do Recife e mudou-se para Taperoá, onde morou quando menino. Lá, continuou a produzir e se conscientizou da missão: immortalizar os personagens da cultura nordestina. Em cinco anos, criou suas principais obras, entre elas “Auto da Compadecida”, adaptada nos palcos, no cinema e na televisão e considerada como um dos textos que melhor traduz a cultura sertaneja. “A verdadeira cara do Brasil está nos cantadores sertanejos, no bumba-meu-boi, nos artesãos, nos nossos poetas e pintores”, afirmou Suassuna.

Ao longo de sua trajetória, o poeta deu mais um exemplo de defesa da cultura nacional quando, já como professor, criou o Movimento Armorial, que nasceu com o objetivo de desenvolver o conhecimento das formas de expressão populares tradicionais.

Para completar sua coleção de condecorações, Ariano Suassuna – que já teve obras publicadas em inglês, francês, espanhol, alemão, holandês, italiano e polonês –, foi agraciado pela Universidade Estadual do Ceará, em junho, com o título de Doutor Honoris Causa. Irônico, inspirador, polêmico e genial, o poeta garante que não tem como separar sua vida do ato de escrever. “Literatura e vida são a mesma coisa. Eu me coloco, naquilo que faço, naquilo que escrevo, do jeito que eu sou”, observa Suassuna.

Com a autoridade de quem tanto já fez pelo Brasil, ele não esmorece e garante que continua

sonhando com um país ideal, com justiça e liberdade. “É preciso um vasto movimento de educadores, pensadores, políticos, estadistas e militares. É um projeto amplo para o nosso país e eu sei que não é fácil. Trata-se de um trabalho insano e tem que ser um movimento de todo um povo. E é uma coisa que demora, ainda. Está num futuro remoto – o que não me impede de ter esperança.” **PI**

“Aqui morava um rei quando eu menino
Vestia ouro e castanho no gibão, Pedra
da Sorte sobre meu Destino, Pulsava
junto ao meu, seu coração.

Para mim, o seu cantar era Divino,
Quando ao som da viola e do bordão,
Cantava com voz rouca, o Desatino, O
Sangue, o riso e as mortes do Sertão.

Mas mataram meu pai. Desde esse dia
Eu me vi, como cego sem meu guia Que
se foi para o Sol, transfigurado.

Sua efígie me queima. Eu sou a
presa. Ele, a brasa que impele ao
Fogo acesa Espada de Ouro em pasto
ensanguentado.

*Aqui morava um rei” de Ariano
Suassuna*

O corpo em movimento

Pesquisas revelam que 60% dos brasileiros são sedentários. Se você integra essa maioria, ir à padaria a pé ou subir as escadas do seu prédio ajudam a mudar sua realidade

Vida é movimento. O corpo humano pode ser comparado a uma máquina que não foi feita para ficar parada. Por isso, para manter o bom funcionamento do organismo, praticar exercícios físicos é essencial. Mas não basta correr várias horas hoje e ficar sentado na cadeira pelo resto da semana. A regularidade é o segredo para se ter saúde. A questão é que nosso dia-a-dia é cada vez mais repleto de compromissos e nem sempre é fácil encontrar tempo para praticar exercícios. Mas é certo que com criatividade e força de vontade você pode aproveitar as horas livres, se exercitar e prevenir doenças.

Os benefícios das atividades físicas regulares são muito conhecidos: os médicos garantem que elas ajudam a manter o bom

Fazer pequenos percursos de bicicleta ajuda a sair do sedentarismo

funcionamento dos sistemas cardiovascular e respiratório, melhorando a irrigação dos tecidos pelo sangue e mantendo a imunidade do corpo em alta. Além disso, quando você pratica exercícios, seu cérebro libera endorfinas, substâncias que provocam sensação de bem-estar e auxiliam no combate ao estresse e à depressão.

Se você ainda acha que é difícil se exercitar, saiba que não está sozinho: uma pesquisa do Banco de Dados do Sistema Único de Saúde (Datasus), divulgada este ano, revelou que 60% dos brasileiros são sedentários, ou seja, não fazem exercícios regularmente. Porém, por mais cheio que seja seu dia-a-dia, adotar esta prática pode ser comparado a andar até o outro lado da cidade: se você não der os primeiros passos, jamais vai conseguir chegar lá. Por isso, observe

seu cotidiano e não perca nenhuma oportunidade de se mexer.

Fazer caminhadas é uma das maneiras mais simples e eficientes de iniciar a prática de exercícios. Quando tiver de percorrer pequenas distâncias, como ir ao mercado, ao banco ou fazer compras em várias lojas, não tenha dúvidas em deixar o carro estacionado e ir andando. Ao pegar o ônibus, desça uma ou duas paradas antes e complete o percurso a pé. E se você mora em um apartamento ou trabalha num prédio, deixe o elevador de lado e suba as escadas – no início você pode sentir algumas dores nas pernas, mas depois de alguns dias, percorrer os degraus se tornará algo prazeroso.

Você tem uma bicicleta que está parada há tempos? Aproveite para ajeitá-la e, em vez de

apenas ficar em casa no fim de semana, programe uma pedalada à tarde. Isso vai ajudar a perder peso e melhorar sua aparência, tonificando os músculos das pernas. E saiba que pular corda não é brinquedo de criança, e sim uma excelente maneira de queimar calorias, trabalhar a panturrilha e os quadríceps – e o melhor é que esta é uma atividade que você pode fazer sem sair de casa. Esses exercícios, que você pode fazer, por exemplo, após o expediente, são denominados aeróbicos, nos quais o corpo utiliza oxigênio para produzir a energia necessária para a realização da atividade. O resultado desta prática, no fim do dia, será uma boa noite de repouso – pois os especialistas garantem que os exercícios ajudam a melhorar o sono, trazendo mais ânimo e disposição no dia seguinte.

Para quem passa o dia olhando o relógio, com vários compromissos para cumprir, fica a pergunta: qual é a quantidade ideal de exercícios? O Colégio Americano de Medicina Esportiva divulgou relatório em 2001 que recomenda ao menos 150 minutos de exercício por semana. Mas você não precisa, nem deve fazer tudo de uma vez – essa carga pode ser dividida ao longo da semana: de segunda a sexta-feira, programe ao menos 30 minutos de exercício e ganhe qualidade de vida. Se você gostou da ideia, valem algumas dicas antes de malhar. Exercitar-se não é simplesmente levantar e sair correndo. É fundamental se alongar (5 a 10 minutos) antes da atividade. E procure um médico para fazer uma avaliação física e saber que tipo de exercício lhe é mais adequado – especialmente se você tem mais de 35 (homens) ou 40 anos (mulheres), se é obeso, tem pressão alta ou diabetes.

E tenha paciência: em um mês de exercícios, você começará a notar os resultados e a diferença para melhor. Que tal começar já? **PI**



FOTOS SITE MORGUEFILE



Soldados de Jesus, missionários da educação

Os jesuítas foram responsáveis pela abertura dos primeiros colégios no Brasil, pelo incentivo ao hábito do estudo e pelo registro de grande parte da cultura indígena



Entre os séculos XV e XVI, uma onda de transformação protestante avançava por toda a Europa, confrontando diretamente os poderes quase absolutos da Igreja Católica. Para se contrapor e realizar a Reforma Católica ou “Contra-Reforma” a partir da catequese e da educação, um grupo de estudantes fundou, na França, em 1534, a Companhia de Jesus. Eles eram liderados por Inácio de Loyola (1491-1556), um ex-militar que abdicara do exército para dedicar-se à evangelização após ter sido gravemente ferido em uma batalha.

Os “soldados de Cristo”, como eram conhecidos os jesuítas, tinham a missão de combater as reformas protestantes, atuando nas colônias da Ásia, da África e das Américas, sempre com a

intenção de incorporar “novas almas” ao Catolicismo. Os primeiros jesuítas chegaram ao Brasil em março de 1549, juntamente com o primeiro Governador-Geral, Tomé de Souza.

Logo nos primeiros anos, perceberam que não seria possível converter os índios à fé católica sem que eles soubessem ler e escrever. Tinham sempre a mesma estratégia: constituir aldeamentos – conhecidos como “missões” ou “reduções” – para conquistar a simpatia da população indígena, o que nem sempre se deu de forma muito pacífica. Essa interação tornou-se um grande trunfo político para os jesuítas, o que se traduziu na capacidade de recrutar e administrar trabalhadores em meio à população nativa.

Eles foram responsáveis pela abertura dos primeiros colégios no Brasil – o primeiro deles em Salvador. De Salvador, a obra jesuítica estendeu-se para o Sul e em 1570, 21 anos após a chegada, já era composta por cinco escolas de instrução elementar e três colégios (Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia). Ao serem expulsos do Brasil, em 1759, os jesuítas tinham 670 colégios. Todas as escolas jesuítas eram regulamentadas por um documento, chamado abreviadamente de *Ratio Studiorum*. Os jesuítas não se limitaram ao ensino das primeiras letras. Além do curso elementar, mantinham os cursos de Letras e Filosofia, considerados secundários, e o curso de Teologia e Ciências Sagradas, de nível superior, para formação de sacerdotes.

Também são creditados aos jesuítas o incentivo ao hábito do estudo e o registro de grande parte da cultura indígena. José de Anchieta (1534-1597), um dos principais missionários no Brasil, escreveu o primeiro dicionário português-tupi, sem o qual a língua talvez não tivesse sido documentada. Já os sermões do padre Antônio Vieira (1608-1697) foram uma grande contribuição à literatura e compõem uma obra obrigatória do Barroco nacional.

Os jesuítas não foram só professores e poetas, mas também soldados, empresários e políticos. No Brasil, defenderam os interesses da coroa e da

Igreja, lideraram empreendimentos comerciais e usaram a mão-de-obra indígena para apoiar a economia de Portugal. Por isso, viviam um permanente conflito de interesses: enquanto desejavam converter povos indígenas ao cristianismo e aos valores europeus, os colonos estavam interessados em usá-los como escravos, integrando-os ao processo colonizador.

As missões acabaram facilitando a captura dos índios pelos colonos, que conseguiam, às vezes, escravizar tribos inteiras nos aldeamentos, apesar

da resistência dos próprios jesuítas. Os soldados de Jesus não permitiam a escravização de nativos convertidos ao Catolicismo, embora fizessem

vista grossa para a escravidão da população negra, trazida da África. Em aliança com a coroa, os padres chegaram a ter, sob sua influência, cerca de 80 mil índios aldeados, no século XVII.

Os jesuítas permaneceram como referência da educação até 1759, quando foram expulsos de todas as colônias portuguesas pelo Marquês de Pombal, Primeiro-Ministro de Portugal de 1750 a 1777. À época, já tinham perdido poder e enfrentavam as mudanças produzidas pelo Iluminismo, que defendia o pensamento não-teológico. Ainda assim, o Brasil experimentou uma grande ruptura histórica na educação, superando parcialmente um modelo que estava consolidado. **PI**

Também são creditados aos jesuítas o incentivo ao hábito do estudo e o registro de grande parte da cultura indígena

SAIBAMAI

FREITAS, Décio. Missões – Crônica de um Genocídio. 3. ed. Porto Alegre: Movimento, 1997.

LIMA, Lauro de Oliveira. Estórias da educação no Brasil: de Pombal a Passarinho. 3. ed. Rio de Janeiro: Brasília, 1969.

PILLETI, Nelson. História da educação no Brasil. 6. ed. São Paulo: Ática, 1996.

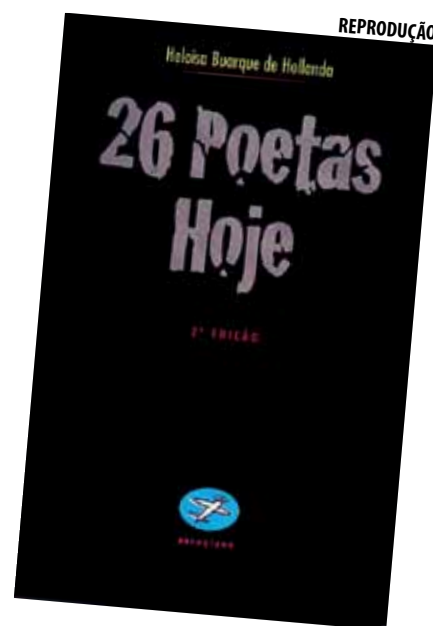
Poesia marginal

Com humor e leveza, a poesia marginal mudou o panorama da literatura brasileira

O costume de usar a palavra “marginal” para depreciar alguém vem das antigas. Essa palavra, usada para designar uma minoria discriminada, veio das ciências sociais e, tempos depois, passou a integrar nosso vocabulário corriqueiro. Tratando-se de arte, usamos esse termo para caracterizar o artista que trabalha de maneira independente, busca meios alternativos para difundir sua obra.

Na década de 1970, pós-movimento Tropicalista, um grupo de poetas se destacou pela irreverência de seus escritos e pela nova maneira de expressão: ali nascia a poesia marginal. Também chamada de geração mimeógrafo, por usar dessa tecnologia para fazer cópias dos livros, a poesia à margem surgiu em um período de grande efervescência cultural, em meio à opressão da Ditadura Militar.

Por não terem sido aceitos nas grandes editoras, um grupo de poetas que se considerava marginal decidiu vender seus livros a baixo custo nas ruas, praças e universidades. Foi naquele tempo que se reuniram Torquato Neto, Cacaso,



Waly Salomão e Ana Cristina Cesar para criar uma poesia vanguardista e experimental, diferente de tudo que havia na cena do país até então.

A poesia marginal trazia consigo um ideal próprio, que ia de encontro a valores comerciais, culturais e estéticos presentes no Brasil da década de 1970. Conforme afirma o poeta Glauco Mattoso, “a despreocupação com o próprio conceito de poesia e o descompromisso com qualquer diretriz estética resultaram numa espécie de displicência saudável na obra poética desses autores”.

Em 1975, com a publicação do livro *26 poetas hoje*, foi reconhecida a importância daquela geração para a literatura brasileira. O livro é considerado, atualmente, uma antologia da poesia marginal e exemplo da expressão poética de tantas vozes que haviam sido excluídas. **PI**

SAIBAMAI

Confira a entrevista com o poeta marginal Nicolas Behr no nosso blog!

...o hábito de dormir em rede?

Em nenhum lugar do Brasil a rede de dormir ocupa um espaço tão especial como nas casas cearenses. Aqui, elas ganham lugares de destaque. Entre varandas, terraços e quartos de casais, a história explica. Data de 27 de abril de 1500 o primeiro registro histórico da rede de dormir, feito pelo próprio Pero Vaz de Caminha: “em que haveria nove ou dez casas, as quais eram tão compridas, cada uma, como esta nau-capitânia. Eram de madeira, e das ilhargas de tábuas, e cobertas de palha, de razoada altura; todas duma só peça, sem nenhum repartimento, tinham dentro muitos esteios; e, de esteio a esteio, uma rede atada pelos cabos, alta, em que dormiam. Debaixo, para se aquecerem, faziam seus fogos. (...)”

Segundo Câmara Cascudo, no livro *Rede de Dormir*, Pero Vaz de Caminha foi o padrinho desse artefato tão querido. Batizou-o assim pela semelhança das malhas com as redes de pescar. Certamente, a força da presença da rede de dormir no Ceará se deve ao fato de que o Estado foi um importante refúgio dos indígenas que habitavam outros lugares do Brasil. Segundo a história, os nativos de capitânias vizinhas fugiam para cá em busca de segurança e abrigo, visto que o Ceará foi uma das últimas áreas do atual nordeste a serem conquistadas pelos colonizadores, nos séculos XVII e XVIII.

E eram as índias as artesãs das redes. Elas torciam fios de algodão. A técnica das redes de tecido compacto, trama fechada, veio com as mulheres portuguesas. A vinda dos teares aperfeiçoou a rede, ampliando-a, enfeitando-a, dando-lhe as franjas, varandas, tornando-a mais confortável, ornamental.

Mas ainda por volta de 1910, as redes no sertão do nordeste eram feitas para uso próprio, familiar; nunca objeto de compra. Era uma indústria doméstica e tradicional. Conta Câmara Cascudo que “as redes bonitas, caras, destinadas a presente ou uso em ocasiões de festa, eram as ‘redes do Ceará’, tecidas e acabadas com um gosto inimitável”. Talvez esteja aí a explicação para elas terem lugar de honra em todos os recantos do Estado. **PI**



Terras muito férteis

Mesmo com as limitações climáticas, já existem tecnologias que possibilitam a convivência harmoniosa com o semiárido

A água – ou a falta dela – e o nordeste são, talvez, as principais referências quando se fala em semiárido. No entanto, mesmo que a definição se dê devido à temperatura média de 25° C, do volume de chuvas (750mm/ano) e da vegetação (típica da Caatinga), o semiárido brasileiro também apresenta características socioeconômicas e culturais singulares, abrangendo a maior parte dos estados nordestinos e o norte de Minas Gerais e Espírito Santo.

“A região não pode ser vista apenas na perspectiva climatológica. É preciso refletir sobre essas outras abordagens”. Quem defende esse novo olhar é Alessandro Nunes, assessor da Cáritas Regional Ceará e integrante da coordenação do Fórum Cearense pela Vida no Semiárido. “É uma região com expressões culturais fantásticas, com grandes potenciais”.

Ele reconhece as limitações climáticas, mas afirma que já existem tecnologias adaptadas que possibilitam a convivência harmoniosa com o semiárido, ajudando a superar a ideia de região “impossível, inviável e infértil”, o que tem sido per-



FOTO CÁRITAS/DIVULGAÇÃO

Cisternas são soluções para convivência com o semiárido

cebido nas políticas públicas dos governos estaduais e, principalmente, do Governo Federal.

Alguns desses problemas, como a falta de água potável e a baixa produtividade na agropecuária, poderiam ser solucionados se houvesse uma nova compreensão, utilizando fundamentos da agroecologia e ampliando o conceito de acesso à água, conhecido como “segurança hídrica”.

“O fato é que essas políticas ainda não conseguiram ser universalizadas. Existe uma centralidade na água para beber, mas a segurança hídrica vai muito além, garantindo, por exemplo, o foco no desenvolvimento sustentável”, explica Nunes.

Ele vê também como fundamental o papel da educação para o fortalecimento de uma visão positiva sobre o semiárido. “É fundamental que a escola entenda que está numa região com muitas potencialidades”. Como exemplo, Nunes cita a Rede de Educação para o Semiárido Brasileiro (Resab), que desenvolve ações e incentiva a elaboração de propostas político-pedagógicas que contemplem os princípios da educação para a convivência com o semiárido. 

O CEARÁ CONHECE O CEARÁ

FOTO AMANDA CAPISTRANO/DIVULGAÇÃO



Paisagem natural de Quixadá é protegida por lei

A CIDADE DE PEDRA

Já na entrada, os visitantes ficam intrigados com a paisagem que encontram, devido à disposição e à forma das pedras que se espalham por Quixadá, município do Sertão Central cearense, a cerca de 160 quilômetros de Fortaleza. Popularmente conhecidas por “monólitos”, as pedras marcam a cidade de tal forma que, em 2002, o Governo do Estado criou uma unidade de proteção integral para preservá-los.

O Monumento Natural dos Monólitos de Quixadá quer manter “a raridade, a singularidade e a beleza cênica” proporcionadas pelas pedras, beneficiando o ecoturismo, uma das principais atividades do município. Não à toa, é exatamente uma rocha o principal cartão-postal do lugar: a Pedra da Galinha Choca. Junto a ela,

estão as águas do sétimo maior açude do Ceará.

Um pedaço da história de Quixadá é narrado nas águas represadas no Açude do Cedro, inaugurado em 1906. O primeiro projeto data de 1882, no reinado de D. Pedro II, que ordenou a construção do reservatório em decorrência dos efeitos provocados pela seca de 1877-1879. No entanto, até a Proclamação da República, em 1889, só houve tempo para a construção de estradas e a instalação de equipamentos.

Após mudanças na equipe e no projeto, no final de 1890, a Comissão de Açudes e Irrigação (atual Dnocs) começou a construção, que se prolongou até 1906. Atualmente, as águas do Cedro são mais um componente paisagístico de Quixadá; há muito tempo, o açude deixou de ser essencial para o abastecimento da cidade.

SAIBAMAI

A Pedra da Galinha Choca era chamada de “Pedra da Arara” até o começo do século XX.

O Açude do Cedro foi construído com grade de ferro totalmente importada da Inglaterra. E a cerâmica veio de Portugal.

Em toda a história do açude, ocorreram apenas seis sangrias: 1924, 1925, 1974, 1975, 1986 e 1989. Em contrapartida, só secou totalmente nas estiagens de 1930, 1932, 1950 e 1999.

ACORDO DE PAZ

Desenvolver o Projeto “Geração da Paz”, que tem por objetivo promover e construir a Cultura de Paz no dia-a-dia das instituições, por meio de recursos humanos, técnicos e científicos, estabelecendo uma rede pacífica de conexões entre pessoas e organizações. Este é o compromisso do acordo de parceria assinado entre a Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc), a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e a Universidade Estadual do Ceará (UECE), no último dia 21 de setembro, Dia Internacional da Paz.

A Cultura de Paz, de acordo com definição da Unesco, é a prevenção e resolução não-violenta de conflitos através da negociação, da mediação e do diálogo, com tolerância, solidariedade e compartilhamento, respeitando os direitos individuais. A Seduc, a UECE e a Unesco se comprometem a formalizar, o mais breve possível, os instrumentos que serão utilizados para a implementação dessa intenção conjunta.

O acordo de parceria pelo projeto “Geração da Paz” é formado por seis artigos e esclarece que “a Cultura de Paz é uma iniciativa de longo prazo que deve levar em conta os contextos histórico, político, econômico, social e cultural de cada ser humano”, mas também reconhece que “a Paz não é um processo passivo, mas um esforço de toda a humanidade para promovê-la e administrá-la, razão pela qual o projeto ‘Geração da Paz’ tem por base a construção deste cotidiano na formação dos indivíduos.”

O documento torna pública a intenção conjunta das três instituições de promover a Cultura de Paz e foi assinado por Izolda Cela, secretária de Educação do Estado de Ceará, pelo Reitor da UECE, Francisco de Assis Moura Araripe, e Vincent Defourny, representante da Unesco no Brasil, durante a Conferência Internacional dos Sete Saberes Necessários para a Educação do Presente, em Fortaleza - que teve a participação do filósofo e sociólogo francês Edgar Morin. **PI**

CONGRESSO INTERNACIONAL EM AVALIAÇÃO EDUCACIONAL

Acontecerá nos dias 4, 5 e 6 de novembro o V Congresso Internacional em Avaliação Educacional. O evento ocorrerá no Marina Park Hotel e será uma realização do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará. No evento, haverá palestras com Cipriano Luckesi, Jussara Hoffmann e Isabel Cappelletti, importantes pesquisadores da área. Além disso, mesas-redondas e mini-cursos farão parte da programação, prevista para tratar de temas variados como educação inclusiva, à distância e entre jovens e adultos. Inscrições e outras informações poderão ser encontradas no site www.nave.ufc.br/eventos

DIREITOS

Você conhece o Estatuto da Criança e do Adolescente? Complete o quadro abaixo e saiba um pouco mais:

- 1 e 3** – Garantem a humanidade e o desenvolvimento como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais;
- 2 e 8** – Políticas públicas devem assegurar esses direitos, em condições dignas de existência;
- 4, 6 e 7** – Visam ao pleno desenvolvimento da pessoa, o preparo para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho;
- 5** – Garante a convivência feliz e saudável.



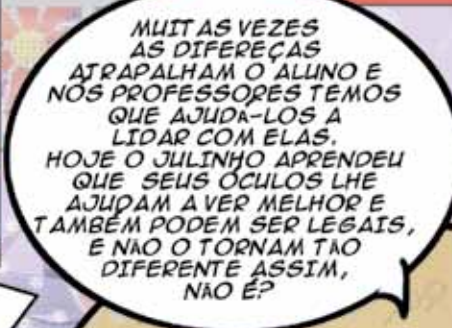
Confira a resposta na próxima edição da PENSE!

JOGO DOS 8 ERROS



SUPER PROF EM O DIA DOS ÓCULOS

POR NATHÁLIA FORTE
CONSULTORIA PEDAGÓGICA: LARA MACHADO



FIM